

ARTIGO

Sala de aula: professores entre a indisciplina, a violência e o abandono» 2

JAQUELINE HERNANDEZ RISSE



CULTURA

Iriri abre veredas para celebrar os 70 anos de Guimarães Rosa »4

DIVULGAÇÃO



Empate apertado na disputa para o Governo do Estado

Instituto Perfil indica briga pelo comando do Anchieta e Renato Casagrande isolado na disputa por uma das vagas ao Senado; confira mais detalhes »3

ILUSTRAÇÃO/ESHOJE



ARTHUR V. F. FURTADO

Violência escolar: a barbárie aprovada pelo Estado

O Estado promoveu um desmonte gradual da profissão docente, impondo obstáculos a todas as atividades típicas do cotidiano do professor, como preparar as aulas com liberdade, lecionar explicitamente, transmitir conhecimentos, avaliar o desempenho dos alunos, disciplinar a turma e até mesmo reprovar os discentes que nada fazem além de prejudicar aqueles que realmente desejam ensinar e aprender. Não satisfeitos, contudo, em promover o desmantelamento do ofício, políticos e burocratas vêm chancelando, por atos e omissões, a violência praticada contra o professorado brasileiro.

Os dados sobre indisciplina e violência escolar demonstram que a situação está fora de controle em muitos estados. Nesse sentido, a edição de 2024 da TALIS (Pesquisa Internacional sobre Ensino e Aprendizagem) — maior levantamento mundial sobre professores e líderes escolares —, promovida pela OCDE, aponta que, nos anos finais do Ensino Fundamental, manter a disciplina em sala de aula é fonte de estresse para 63,8% dos docentes brasileiros (média da OCDE: 44,8%).

Além disso, mais de 50% relataram enfrentar “barulho perturbador e desordem” durante as aulas (média da OCDE: 20%) e 44% afirmaram perder tempo significativo com as interrupções dos alunos (média da OCDE: 18%). Como resultado, 21% do tempo de aula é perdido apenas para tentar manter a ordem (média da OCDE: 15%).

Quanto à violência, o percentual de professores dos anos finais que

assinalaram como fonte de estresse “ser intimidados ou ofendidos verbalmente pelos alunos” atinge 46,6%, um valor quase três vezes superior à média da OCDE (17,6%) e o mais alto entre os países latino-americanos analisados (TALIS, 2024).

Pesquisa do Centro de Estatística Aplicada do Instituto de Matemática da USP, em parceria com o Sindicato dos Professores e Funcionários Municipais de São Paulo, revelou o tamanho desse impacto: 62,5% dos docentes entrevistados relataram ter sido vítimas de algum tipo de violência em seu ambiente de trabalho.

De acordo com a FAPESP, os casos de violência escolar triplicaram no país em uma década. Ademais, o 4º boletim técnico “Escola que Protege” (MEC/MDHC) indica que, entre 2001 e 2025, foram identificados 47 ataques de violência extrema em estabelecimentos de ensino, resultando em 177 vítimas (56 fatais e 121 feridas).

Diante desse quadro, cabe perguntar: o que fazem as autoridades para proteger as escolas, os professores e os estudantes? De efetivo, absolutamente nada. Não há investimento em pessoal — 50% dos professores atuam sob contratos temporários e apenas 15,7% das escolas públicas contam com psicólogos (Censo Escolar 2025) — e a infraestrutura permanece precária: nos anos finais do Ensino Fundamental, 41,4% das escolas públicas não possuem quadras esportivas, 30,8% não têm biblioteca, 53,2% não contam com laboratório de informática e 79,7% não abrigam laboratórios de ciências (Censo Escolar 2025). Soma-se a isso a escassez de materiais básicos de trabalho, como papel, computador, internet e artigos esportivos para as aulas de Educação Física.

Seria injusto, porém, afirmar que os gestores e políticos não fazem absolutamente nada, pois, além de minar o trabalho das es-

colas, como esclarecido acima, muitos promovem ataques diretos aos docentes, rotulando-os de “doutrinadores”, “opressores”, “preguiçosos” e “incompetentes”, incitando a sociedade contra a própria classe magistral.

Diante dessa realidade, marcada pela violência e pela precariedade, discursos sobre ludicidade, manejo de sala de aula, metodologias ativas e uso de tecnologia em sala de aula soam, na melhor das hipóteses, como o cinismo dos vendedores de sonhos; na pior, representam uma forma velada de culpabilização da vítima. Afinal, se o aluno agride o professor com xingamentos e desrespeito insistente, fica subentendido que a culpa é daquele que não soube tornar a aula “divertida”, “dinâmica” e ajustada às preferências da nova geração.

Enfrentar a indisciplina e a violência dentro das escolas exige soluções concretas. Isso passa, inevitavelmente, por ampliar investi-

mentos em infraestrutura, valorização da carreira e respaldo jurídico e psicológico aos docentes, além de programas de recuperação de lacunas de aprendizagem no contraturno. Passa, sobretudo, por devolver a autoridade pedagógica e o comando das salas de aula ao professor, o qual precisa ter liberdade para preparar as suas próprias aulas, disciplinar a sua turma e avaliar os seus alunos sem a interferência de burocratas focados em maquiar indicadores oficiais.

Por fim, já passou da hora de implementar marcos legais rigorosos para proteger os profissionais da educação, responsabilizar as famílias pelo comportamento dos seus filhos e punir com severidade familiares que agredem professores. Se o país agir depressa, talvez ainda seja possível resgatar a dignidade da carreira docente e evitar o apagão que se vislumbra em um horizonte cada vez mais próximo.

Vamos construir
juntos os próximos
capítulos dessa

HISTÓRIA?



Disputa por cadeira no Palácio Anchieta se afunila

Pesquisa ES Hoje traz Ferraço numericamente à frente de Pazolini na simulação de 2º turno

DANIELEH COUTINHO

danielcouthinho@eshoje.com.br

A quarta pesquisa registrada de ES Hoje, realizada pelo Instituto Perfil para as eleições 2026, mostra que a disputa de governador no Espírito Santo será voto a voto — diretamente na urna em 4 de outubro. E, provavelmente, chegará ao segundo turno. Os detalhes já estão publicados no portal eshoje.com.br e mantêm dados levantados pelo instituto no período entre dezembro de 2024 e agosto do ano passado.

Para o Governo do Estado, a pesquisa confirma um cenário de polarização antecipada no Espírito Santo. No levantamento estimulado de primeiro turno, o prefeito de Vitória, Lorenzo Pazolini (Republicanos), mantém a liderança numericamente apertada, registrando 35,06% das intenções de voto. O governador Ricardo Ferraço (MDB), candidato à reeleição, aparece logo na sequência com 32,00%, configurando

NÚMEROS

35,06%

é o percentual das intenções de voto em Lorenzo Pazolini

32%

afirmam escolher a reeleição do atual governador, Ricardo Ferraço

8,5%

dizem preferir Helder Salomão

um cenário de empate técnico no limite da margem de erro.

O deputado federal Helder Salomão (PT) soma 8,50%, enquanto Breno Barcelos e Rafael Demuner pontuam com 1,50% cada. Votos brancos e nulos chegam a 4,83%, indecisos somam 10,17% e 6,44% não souberam ou não responderam. Na sondagem espontânea — quando os nomes dos pré-candidatos não são apresentados ao entrevistado —, Pazolini marca 18,00%, seguido por Ferraço, com 14,44%, e pelo ex-governador Renato Casagrande, lembrado por 10,11%. O contingente de indecisos na espontânea atinge 45,39%, sinalizando que quase metade do eleitorado capixaba ainda não consolidou sua escolha.

A principal mudança em relação à rodada anterior do Instituto Perfil ocorre nas simulações de segundo turno. No embate direto entre os dois primeiros colocados, Ricardo Ferraço assumiu a liderança numérica ao atingir 41,00% da preferência, superando Pazolini, que registra 38,22%. Brancos e nulos somam 6,06% e indecisos/não responderam totalizam 14,73%. O movimento reflete o ganho de visibilidade institucional do atual governador à frente da máquina pública, embora mais de 50% dos entrevistados ainda não identifiquem corretamente o nome do ocupante do Palácio Anchieta — indicador que atua como gargalo e margem de crescimento para o emdebista.

O levantamento também apontou a inversão nos índices



ILUSTRAÇÃO/ESHOJE

Para o Governo do Estado, pesquisa confirma cenário de polarização antecipada no Espírito Santo

de rejeição estimulada entre os concorrentes diretos. Pazolini viu sua recusa oscilar para cima, chegando a 13,39%, enquanto Ferraço apresenta o menor índice entre os postulantes de maior porte, com 7,78%. A maior rejeição ao Governo do Estado é atribuída a Helder Salomão, com 18,56%. Em outros cenários de segundo turno, Ferraço vence Salomão por 51,22% a 16,56%, enquan-

to Pazolini supera o parlamentar petista por 47,06% a 22,17%.

GESTÃO ESTADUAL

A avaliação do Governo Ricardo Ferraço registrou aprovação positiva de 44,05% da população (36,22% de “Boa” e 7,83% de “Ótima”). A classificação “Regular” foi apontada por 32,61%, enquanto a reprovação soma 7,00% (3,83% “Péssimo” e 3,17% “Ruim”). Não

souberam ou não responderam, somam 16,33%.

A pesquisa está registrada na Justiça Eleitoral com o número ES-02859/2026 e os dados foram colhidos entre 27 e 30 de agosto em 50 cidades do Espírito Santo, com 1.800 entrevistas presenciais. A margem de erro para este projeto de pesquisa é de 2,31%, para mais ou para menos, e o grau de confiança é de 95%.

Senado tem um líder e uma briga por vaga

A CORRIDA pelas duas cadeiras do Espírito Santo no Senado Federal indica um cenário assimétrico na preferência do eleitorado. Como o pleito renovará dois terços da bancada capixaba, os entrevistados puderam optar por até dois nomes no levantamento do Instituto Perfil/ES Hoje. O ex-governador Renato Casagrande (PSB) desponta isolado na primeira posição com 33,09% dos votos válidos estimulados, sustentando uma margem confortável sobre os demais concorrentes e uma rejeição contida de 5%.

A disputa pela segunda vaga, contudo, apresenta afunilamento e dinâmicas distintas entre intenção de voto e rejei-

ção. O senador Fabiano Contarato (PT) aparece em segundo lugar nas intenções de voto, com 12,63%, mas enfrenta o segundo maior índice de rejeição da pesquisa para o cargo, com 13,83%. O deputado Sérgio Menequelli (PSD) registra 7,99% de citações e destaca-se pelo menor índice de resistência do eleitorado (1,89%), seguido de perto pela ex-senadora Rose de Freitas (MDB), que soma 7,34% de intenção e 5,17% de rejeição.

Nas posições seguintes aparecem o senador Marcos do Val (5,22%), Maguinha Malta (5,07%) e o deputado Evair de Melo (4,06%). Maguinha enfrenta o cenário mais adverso no quesito rejeição, liderando a recusa

para a Câmara Alta com 16,89%. Evair de Melo, por sua vez, carrega 2,61% de rejeição, indicando potencial de dispersão e disputa voto a voto no campo conservador. Brancos e nulos para o Senado somam 3,35% e indecisos chegam a 12,95%.

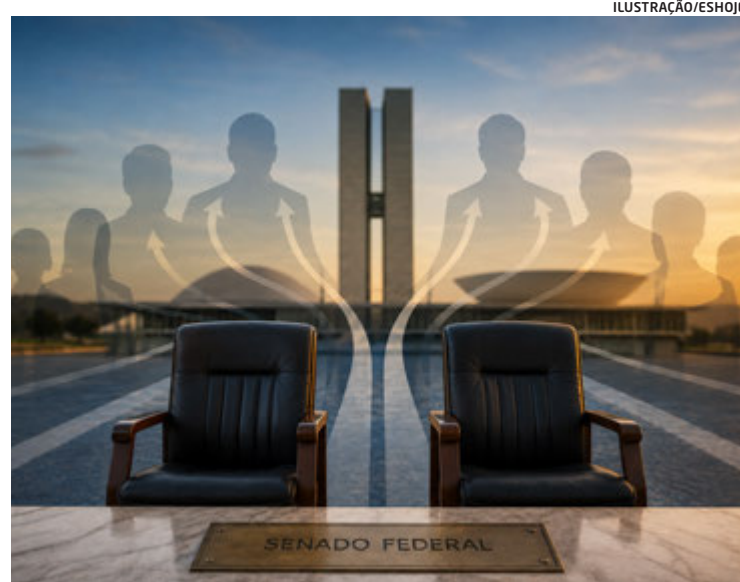
NÚMEROS

12,95%

dos eleitores ainda estão indecisos sobre o senador e

3,35%

afirmam que irão votar em branco ou anular o voto



ILUSTRAÇÃO/ESHOJE

Pesquisa aponta dúvida de capixabas sobre o segundo senador

Livraria em Iriri celebra aniversário de romance

Lúcia Livraria promove leitura coletiva de “Grande sertão: veredas”, clássico de Guimarães Rosa

REDAÇÃO MULTIMÍDIA
jornalismo@eshoje.com.br

GERALDO QUEIROZ

Completando sete décadas de publicação, o romance “Grande sertão: veredas”, uma das obras-primas de João Guimarães Rosa e marco divisor de águas da literatura brasileira, ganha uma celebração especial por meio de uma imersão compartilhada no litoral sul do Estado. A Lúcia Livraria, localizada no balneário de Iriri, em Anchieta, idealizou o projeto “Ler o sertão”, iniciativa cultural que reúne leitores para uma travessia conjunta da densa narrativa rosiana.

A programação comemorativa começou com uma aula magna conduzida pela professora e pesquisadora Rízia Lima, doutora e mestra em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Especialista no universo de Guimarães Rosa, a palestrante apresentou os caminhos analíticos e as chaves de leitura necessárias para que os participantes se aproximem das invenções linguísticas e do ambiente poético do autor. Rízia, que leciona no Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes — Campus Vitória) e atua na interface entre literatura e psicanálise, é também fundadora do projeto Veredas da Escrita.

DIVULGAÇÃO



“A leitura coletiva gera um compromisso entre as pessoas. Tem um grupo caminhando junto”



Lúcia Livraria, no balneário de Iriri, idealizou o projeto “Ler o sertão”, em homenagem aos 70 anos do clássico de Guimarães Rosa

Após o encontro inaugural, o projeto segue com 14 encontros quinzenais aos domingos, sempre conduzidos pela livraria Elisa Quadros. O objetivo principal é estruturar uma roda de conversa democrática, em que reflexões, dúvidas, interpretações e descobertas individuais possam ser compartilhadas abertamente. A metodologia busca desmistificar a complexidade da obra e aproximar novos leitores da saga de Riobaldo.

Lançado originalmente em 1956, o romance estrutura-se a partir do monólogo do ex-jagunço Riobaldo, que rememora suas veredas, conflitos existenciais e o vínculo com Diadorim. Na entrevista a seguir, a responsável pela Lúcia Livraria, Elisa Quadros, detalha a preparação do projeto e os desafios de mediar a leitura de um clássico fundamental do país.

ES Hoje: O que motivou a criação do projeto “Ler o sertão”?

Elisa Quadros: Sempre disse que “Grande Sertão: Veredas” é o livro que levaria para uma ilha deserta. A obra que salvaria em caso de incêndio. É uma paixão antiga e acredito que, quando compartilhada, ela fica ainda mais forte. Os 70 anos do romance me pare-

ceram uma oportunidade muito especial para voltar a ele e, principalmente, convidar outras pessoas para essa leitura. Existe também algo muito bonito na ideia de atravessar o sertão acompanhada. Um livro dessa dimensão nunca termina quando fechamos a última página: ele continua nas conversas, nas perguntas e nas interpretações de quem o leu.

Como a leitura coletiva pode aproximar novos leitores da obra?

Ler coletivamente gera um compromisso entre as pessoas. Você sabe que existe um grupo caminhando junto e que, no domingo seguinte, todos estarão novamente ali para conversar sobre o que leram. Como “Grande Sertão: Veredas” é uma obra muitas vezes apre-

sentada como difícil, esse acompanhamento pode facilitar a entrada no sertão de Rosa. É possível dividir dúvidas, ouvir como outra pessoa compreendeu uma passagem e perceber coisas que talvez passassem despercebidas numa leitura solitária. A ideia não é explicar o livro, mas criar companhia para a leitura.

O que vocês esperam construir ao longo dos encontros?

Na verdade, queremos desconstruir. Principalmente a ideia de que “Grande Sertão: Veredas” é uma obra difícil e reservada a leitores muito experientes ou especialistas em literatura. Rosa exige atenção, claro, porque inventa palavras, altera estruturas e cria um universo próprio, mas existe também uma narrativa muito envolvente ali. Há aventura, amor, guerra, amizade, medo, dúvida e desejo. Queremos que, aos poucos, as pessoas deixem de pensar “será que consigo ler?” e passem a se perguntar o que aquela história provoca nelas. Se chegarmos ao final com leitores que antes tinham receio de abrir o livro e agora sentem que fizeram essa travessia, o projeto terá cumprido seu papel.

ELISA QUADROS



Obra icônica brasileira foi lançada no dia 16 de julho de 1956